

Universidades Interculturais: possibilidades, potencialidades e limites

Como fazer uma UFG Intercultural?

Programa

O evento busca propor a interculturalidade crítica como eixo para se pensar as instituições educativas no país, assim como postula o relatório da UNESCO, Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação (2021), algumas legislações nacionais, como Programa Setorial de Educação do México (2020-2024), de maneira tímida, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, no Brasil (1996) e muitos projetos educativos em distintos territórios. Partimos do pressuposto de que a noção e a prática da interculturalidade deve ser central para todas as instituições e formações, e não restrita a um modelo de educação. Iniciamos aqui a elaboração de uma proposta de interculturalidade como eixo para a Universidade Federal de Goiás.

As universidades no Brasil, entre outras instituições, são convencionalmente baseadas em um modelo elitista e excludente, de caráter monoepistêmico, que impõe de maneira unívoca a língua hegemônica, o registro escrito, o uso de gêneros textuais específicos e um arcabouço disciplinar. Esses elementos, entre outros, permeiam os processos de ensino e aprendizagem, reforçam certos afetos (enquanto evitam outros) e se baseiam em um único modo de ser/fazer, consolidado por meio de um método de investigação que, entre outras coisas, hierarquiza pessoas, categorizando algumas delas como objetos.

Esse processo gera violência epistêmica e sofrimento psíquico, razão para a evasão estudantil, apoiando processos de epistemicídios vinculados às colonialidades do ser, saber e poder. Simultaneamente e de forma intencional, uma vasta pluralidade de conhecimentos e práticas, bem como uma rica e complexa variedade de modos de existência, são desconsiderados, invisibilizados ou folclorizados em espaços institucionais, aparecendo ocasionalmente de maneira estereotipada e periférica.

Ao privilegiar uma única matriz epistemológica eurocentrada, as instituições mantêm o *status quo* social, garantindo a reprodução de relações de poder históricas, baseadas em uma falsa noção hierárquica que sustenta um modelo societário violento e desigual. Ao mesmo tempo, empobrece, limita e reduz os processos de produção de conhecimento que poderiam (e podem) ser inovadores e essenciais para o país, promovendo por exemplo, novas políticas para a sustentabilidade, o desenvolvimento e a justiça social, em vez de serem apenas uma "imitação desconectada" de outros contextos.

O que se propõe pensar neste evento é a possibilidade de uma abordagem intercultural nas universidades, em que a sistematização e valorização dos conhecimentos ancestrais sejam viáveis. Por meio da articulação de saberes, é possível promover a produção inovadora de conhecimentos interculturais, pautados em múltiplas matrizes epistemológicas, que dão sustentação a novas bases epistêmicas para se pensar o ensino, pesquisa, extensão, instituições educativas, outras formas de governança, a democracia e a sustentabilidade.

Agenda

13 de novembro de 2024

14 h – 17 h

Visita de escolas indígenas ao Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena (NTFSI)

Local: Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena (NTFSI)

Contação de histórias

Apresentação da Revista Pihhy

Coordenação: Prof. José Alecrim e Profa. Dra. Mirna Kambeba Yeté Omágua Anaquiri

14 de novembro de 2024

Local: Auditório da Biblioteca Central, Universidade Federal de Goiás, Campus Samambaia, Goiânia, Goiás, Brasil. Transmissão ao vivo pelo canal da Associação Latino-americana de Antropologia (ALA) e do Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena (NTFSI)

Organização: Prof. Dr. Alexandre Herbetta, Prof. Dr. Elias Nazareno, Prof. Ms. Gilson Tenywaawi Tapirapé

8 h – 11 h

Abertura

Apresentação da Revista Pihhy: Profa. Dra. Naine Terena, Prof. Dr. Alexandre Herbetta, Prof. Ms. Gilson Tenywaawi Tapirapé, Profa. Dra. Natalia Brizuela (Centro de Estudos Latino-americanos e Caribenhos, Universidade de Califórnia, Berkeley), Prof. José Cohxyj Krikati e autoridades.

Mesa-redonda

“Outras possibilidades institucionais, outras epistemologias”

Convidadx: Prof. Dr. Edson Kayapó (IFBA/Brasil) e Profa. Dra. Gurminder K. Bhambra (Sussex University/Reino Unido)

Mediação: Prof. Ms. Gilson Tenywaawi Tapirapé e Prof. Gregório Huhte Krahô

Esta mesa-redonda trata da importância fundamental da valorização de outras tradições epistemológicas e da articulação de conhecimentos pluriepistêmicos para a real democratização das instituições brasileiras, por meio da problematização da Modernidade/Colonialidade. Desta forma, propõe a reflexão acerca das teorias sociais contemporâneas, assim como aborda os intensos e regulares processos de violência epistêmica ainda presentes em espaços de conhecimento vinculados ao Estado.

14 h – 17 h “Possibilidades de uma universidade intercultural no Brasil”

Convidadx: Prof. Dr. Bruno Kaingang (UFRGS/Brasil) e Prof. Dr. Stefano Sartorello (Universidad Iberoamericana/México)

Mediação: Prof. Ms. Gilson Tenywaawi Tapirapé e Prof. Gregório Huhte

Esta mesa apresentará experiências e reflexões estabelecidas em outros territórios e instituições, que tratam da problematização de instituições educativas, assim como propõe outros modelos educativos, pautados na interculturalidade crítica.

Contamos com o apoio da Revista Pihhy

(<https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/revista-eletronica-conexao-cultura-e-pensamento>)

A Revista Pihhy, que significa "semente" na língua Mehi Jarka, falada pelo povo indígena Mehi-Krahô, está vinculada ao "Programa Conexão Cultura e Pensamento" da Secretaria de Formação, Livro e Leitura (SEFLI/MinC). Ela busca estimular a criação, produção e circulação de materiais de autoria indígena em múltiplos territórios, baseados em conhecimentos plurais e ancestrais, assim como ocorre em um "pur", uma roça tradicional Mehi, onde as sementes garantem o bem viver.

A Revista Pihhy também visa colaborar com a produção de conhecimento, despertando saberes essenciais, pautados em distintas tradições epistemológicas, e fortalecer a democracia brasileira, semeando novas relações e dinâmicas sociais que promovam um país mais justo, plural e equilibrado. Além disso, contribui com o sistema educacional brasileiro, alimentando processos de ensino e aprendizagem relacionados T Lei 11.645 e T Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

O projeto disponibilizará materiais em português, bilíngues ou plurilíngues, e em inglês, por meio de edições mensais de uma revista digital hospedada no Ministério da Cultura (MinC). Os materiais podem ser expressos por meio da escrita, áudio ou audiovisual, valorizando a oralidade e destacando as múltiplas possibilidades presentes em diferentes formas de expressão, fortemente presentes em territórios indígenas.

A Revista Pihhy abordará temas como educação, direitos, conhecimentos, política, ciência, artes, entre outros, por meio de categorias como: Já me transformei em Imagem; Mestres de Cultura; Cadernos Educativos; Literatura Indígena; A Palavra da Mulher é Sagrada; Vibrações, Sons, Corpos e Direitos Indígenas, que compõem a proposta editorial da revista.

Este é um projeto inovador e de vanguarda, pois promove a pesquisa, o registro e a sistematização de saberes ancestrais que, ao longo do violento processo histórico e colonial, foram apagados, adormecidos ou invisibilizados no país. Ele traz T tona pensamentos plurais e diversos sobre temas fundamentais para o mundo contemporâneo, como sustentabilidade, relação com a natureza, democracia e bem viver. Além disso, oferece aos leitores e leitoras interessados/as um vasto conhecimento sobre os mundos indígenas e diferentes modos de estar no mundo, evidenciando a complexidade e o valor da pluralidade epistemológica existente no Brasil, colocando-se, assim, ao lado da histórica luta anticolonial dos povos originários, por um mundo mais sustentável, respeitoso e digno.

UNIVERSIDADES INTERCULTURAIS

Ihtyj tonxT,Ihpahhiih tyjxT,HipyxT

Programa

(Tradução ao Mehi Jarkwa por Gregório Huhte)

Brasil kre kãm Universidade itajê,ne capeh nã hõöpênxT itajêh kwy,cunea ampo kôt hakop xTh cunea caxuw mã,ne hakrTj ampo xaakat jõmpun xTh caxuw pom kãm meh caakôc itajê ne ihkThhôn kãm meh caakôc xT itajê,cute me ihcakên xTh kãm to impeaj né hamu cahyt caxuw tah nã me to ihhôn xT.Pom ahpãan ne ihkwy itajêê mã cute me hahkrepej ne kãm me anjos krepej, tyjxTT mã(ajtea ihkwy capeh nã)pea quê há ahpãan me haren caxuw, hahkrepej xT,ampo atajê capeh nã,cute ajpen jarãh kãm jumjê atajê, cute me to Impej ampo pyrTc xTh prãmte mã.

Pom haren Itajê quê ha pahte amji tonxT piicwyr peac re caprii,cu pahtyj ihkôt me ajcame me amji cãmatar ahkrajre caxuw,me mõrxT pictor jahkrepej pom ne pahte me amji Ton xT inare itajê,me hahkrepej ne me pahtyj.Ihcunea quê há hakrTj,catih caxuw ne hõmpunxT ne hahkrepej,hiirãpê hakrTj ne ihcunea japTT, Ihpahhiih tyjxTh wyr,ne me impar,ne me kãmpa quêt kãm me amji kinti to com ahpãan hakrã xT, caxuw tonxT itajê caprii caxuw.

Quêha,impej crinare ne pyxit pahte me amji tonxT xaakat caxuw,pea quê ha ne hipêr hõmpunxT hajyr nare ne kãm amji caxuw pit nare quê ha Ihtyj ajpen pyrTc.Ajpean kãm pah capryare,pahte me ampo kôpir xT te hõ hajyr(quê ha Ihtyj)ajtea hõmpunxT pjêh Ita kre kãm, quê ajtea hiirãpê “ton xTh caxuw “imparxT ata caxuw.

Ampo quê ha imparxT ita hare hee cute ryy mã me howhi ne me amji tonxa itajê Universidade kãm,cute amji tonxT ne hakrTj xT ne hahkrepej xT xaakat ihtyj hiirãpê hotpê.Ne pahte amjia krepej caxuw,pahtyj me pahte amji tonxT per caxuw impar xTh cati cunea,paja krTj xT picamen pej kwyh cunea, cute ihkrãh cajpar tô intuw caxuw ihcunea nã cute tô ihhêmpej caxuw,hakopxT,hanuwre, ihkThhôn caxuw hõöpênxT ne amjia krepej xT ne me to ihhêmpej cati jakrTj tyjxTh wyr.

Intercultural Universities: Possibilities, Potential, and Limits

How to create an Intercultural UFG?

Program

The event aims to propose critical interculturality as a key framework for rethinking educational institutions in the country, as outlined in UNESCO's report **Reimagining Our Futures Together: A New Social Contract for Education** (2021), some national legislation such as Mexico's Sectoral Education Program (2020- 2024), Brazil's Law of Guidelines and Bases of Education (1996), albeit timidly, and many educational projects in various territories. We start from the premise that the concept and practice of interculturality should be central to all institutions and training programs, not limited to one educational model. Here, we begin drafting a proposal for interculturality as a guiding principle for the Federal University of Goiás.

Universities in Brazil, among other institutions, are conventionally based on an elitist and exclusionary model, of mono-epistemic nature, that imposes hegemonic language, written records, the use of specific textual genres, and a disciplinary framework. These elements, among others, permeate teaching and learning processes, reinforce certain affects (while avoiding others), and are based solely on one way of being/doing, consolidated through a research method that, among other things, hierarchizes people, categorizing some of them as objects.

This process generates epistemic violence and psychological suffering, which continues to be a reason for student dropout, supporting epistemicide processes linked to the colonialities of being, knowing, and power. Simultaneously and intentionally, a vast plurality of knowledge and practices, as well as a rich and complex variety of modes of existence, are disregarded, invisibilized, or folklorized in institutional spaces, appearing occasionally in stereotyped and peripheral forms.

Thus, by privileging a single Eurocentric epistemological framework, institutions maintain the social status quo, ensuring the reproduction of historical power relations based on a false hierarchical notion that supports a violent and unequal societal model. At the same time, it impoverishes, limits, and reduces knowledge production processes that could (and can) be innovative and essential for the country, rather than merely a "disconnected imitation" of other contexts.

What is proposed in this roundtable is the possibility of an intercultural approach to universities, in which the systematization and valorization of ancestral knowledge are feasible. Through the articulation of wisdom, it is possible to promote the innovative production of intercultural knowledge, grounded in multiple epistemological frameworks that support new epistemic bases for thinking about education, research, extension, educational institutions, alternative forms of governance, democracy, and sustainability.

Universidades Interculturales: posibilidades, potencialidades y límites

¿Cómo hacer una UFG Intercultural?

Programa

El evento busca proponer la interculturalidad crítica como eje para repensar las instituciones educativas en el país, tal como lo plantea el informe de la UNESCO, **Reimaginar juntos nuestros futuros: un nuevo contrato social para la educación** (2021), algunas legislaciones nacionales, como el Programa Sectorial de Educación de México (2020-2024), y, de manera incipiente, la Ley de Directrices y Bases de la Educación en Brasil (1996), así como muchos proyectos educativos en distintos territorios. Partimos del supuesto de que la noción y la práctica de la interculturalidad deben ser centrales para todas las instituciones y formaciones, y no estar restringidas a un único modelo educativo. Iniciamos aquí la elaboración de una propuesta de interculturalidad como eje para la Universidad Federal de Goiás.

Las universidades en Brasil, entre otras instituciones, están convencionalmente basadas en un modelo elitista y excluyente, de naturaleza monoepistémica, que impone un idioma hegemónico, registros escritos, el uso de géneros textuales específicos y un marco disciplinario. Estos elementos, entre otros, impregnan los procesos de enseñanza y aprendizaje, refuerzan ciertos afectos (mientras evitan otros) y se basan únicamente en una forma de ser/hacer, consolidada a través de un método de investigación que, entre otras cosas, jerarquiza a las personas, categorizando a algunas de ellas como objetos.

Este proceso genera violencia epistémica y sufrimiento psicológico, lo que sigue siendo una razón para la deserción estudiantil, apoyando procesos de epistemicidio vinculados a las colonialidades del ser, saber y poder. Simultáneamente e intencionalmente, se desprecian, invisibilizan o folclorizan una vasta pluralidad de conocimientos y prácticas, así como una rica y compleja variedad de modos de existencia en los espacios institucionales, apareciendo ocasionalmente de manera estereotipada y periférica.

Así, al privilegiar un único marco epistemológico eurocéntrico, las instituciones mantienen el status quo social, asegurando la reproducción de relaciones de poder históricas basadas en una falsa noción jerárquica que sostiene un modelo de sociedad violento y desigual. Al mismo tiempo, empobrece, limita y reduce los procesos de producción de conocimiento que podrían (y pueden) ser innovadores y esenciales para el país, en lugar de ser simplemente una "imitación desconectada" de otros contextos.

Lo que se propone en esta mesa redonda es la posibilidad de un enfoque intercultural en las universidades, en el que la sistematización y valorización del conocimiento ancestral sean viables. A través de la articulación de sabidurías, es posible promover la producción innovadora de conocimientos interculturales, basados en múltiples marcos epistemológicos que sustentan nuevas bases epistémicas para repensar la educación, la investigación, la extensión, las instituciones educativas, formas alternativas de gobernanza, la democracia y la sostenibilidad.

